REVISTA
ILUSTRAÇÃO

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: QUAL A FUNÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO?

CONTINUING EDUCATION FOR TEACHERS: WHAT IS THE ROLE OF THE PEDAGOGICAL COORDINATOR?

Bruna Barboza Trasel Schonwald[1]
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

Elisandra Denise Baiotto[2]
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

Merlin Ester Kommers[3]
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

Michele Santos de Oliveira[4]
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Brasil

DOI: https://doi.org/10.46550/ilustração.v6i1.446

Resumo: O presente artigo busca ressignificar a função do Coordenador Pedagógico enquanto organizador e dinamizador da formação continuada de professores. Considera-se pertinente essa discussão uma vez que a tarefa docente

1 Mestra e Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Licenciada em Pedagogia. Professora da Rede Municipal de Ijuí, atuando como Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil na Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi. E-mail: bruna.b@prof.smed.ijui.rs.gov.br

2 Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Gestão Escolar; Bacharel em Direito e Especialista em Direito Público Municipal. Professora da Rede Municipal de Ijuí, atuando como Diretora na Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi. Email: elisandra.b@prof.smed.ijui.rs.gov.br

3 Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Gestão Escolar. Professora da Rede Municipal de Ijuí, atuando como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental I na Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi. Email: merlin.k@prof.smed.ijui.rs.gov.br

4 Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Direção, Supervisão e Coordenação Escolar. Professora da Rede Municipal de Ijuí, atuando como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental II na Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi. Email: michele.s@prof.smed.ijui.rs.gov.br

A Revista Ilustração está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

é muito complexa e necessita de constante reflexão e atualização. Professar saberes significa, em certa medida, professar verdades e proposições, sendo, por esta razão, necessário enfrentar as barreiras, os erros e, sobretudo, as incertezas do conhecimento. O foco da discussão é, portanto, destacar a necessidade de conhecer o conhecimento como um fator determinante na função do Coordenador Pedagógico e na formação continuada do professor. A pesquisa é de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa e método dedutivo.

Palavras-chave: Paradigma da Complexidade. Coordenador Pedagógico. Formação Continuada de Professores.

Abstract: The present article searches to resignify the role of the Pedagogical Coordinator as an organizer and dynamizer of the continuing formation of teachers. This discussion is considered pertinent because the teaching task is complex and it needs constant reflection and updating. To profess knowledge means, in a certain way, to profess truths and propositions, and for this reason it is necessary to face the barriers, the mistakes and, above all, the uncertainties of knowledge. The focus of the discussion is, therefore, to highlight the need to face knowledge as a determining factor in the role of the Pedagogical Coordinator and in the teacher's continuing education. It is a bibliographical research with qualitative approach and deductive method.

Keywords: Complexity Paradigm. Pedagogical Coordinator. Continuing Teacher Training.

Considerações iniciais

O objetivo deste escrito consiste em perceber de que forma as contribuições da teoria da complexidade podem ser apropriadas pelo Coordenador Pedagógico das escolas no sentido de dar sustentação ao processo de formação continuada de professores. Este foi o panorama propício e fecundo que serviu de sustentação para a elaboração deste texto. As reflexões suscitadas propiciaram momentos fecundos de interlocução entre os saberes filosóficos e pedagógicos, ampliando e tencionando as racionalidades que dão sustentação ao processo pedagógico e educacional contemporâneo.

Esse espaço de estudo apresentou considerações acerca dos

pressupostos teóricos de Kant e Descartes alargando horizontes educacionais que possibilitaram a compreensão de alguns princípios fundamentais da teoria da complexidade, sobretudo, aqueles que fazem parte dos escritos de Edgar Morin.

Formação continuada: enfrentando as incertezas do conhecimento

Francisco Imbernón (2009, 2010, 2011), na condição de estudioso da questão da formação de professores, apresenta e analisa argumentos acerca da formação do professor no lócus da escola, considerando o envolvimento dos professores e a formação dos formadores. De acordo com o autor cabe ao Coordenador Pedagógico a tarefa de organizar e dinamizar o processo de formação continuada do professor. Este autor aborda o conceito de profissão docente, buscando tematizar a formação continuada como o rompimento do individualismo docente a fim de se aproximar do trabalho colaborativo.

Ao analisar a formação continuada de professores, em um contexto de complexidade, Imbernón (2010, p. 99) considera que "a mudança de qualquer pessoa nunca é simples, consequentemente, a mudança que se pede aos professores na formação não é simples, mas sim, um processo complexo". O autor aborda as variáveis do trabalho do professor, apoiando-se na premissa de que, assim como a "sociedade e a educação, a formação continuada deve se basear na complexidade", sustentando-se nos princípios do paradigma da complexidade para apresentar possíveis pistas sobre o processo de formação continuada do professor.

Dentre os muitos referenciais teóricos da complexidade, sugeridos por Morin, Imbernón (2010, p. 102-103) salienta que os princípios dialógico, recursivo, hologramático e de autonomia/dependência nos permitem tirar conclusões significativas em relação à formação docente.

A formação continuada é aqui entendida como a articulação de experiências do dia a dia com a reflexão, análise e pesquisa a partir dessas experiências, para assim, formular novos entendimentos para as questões do cotidiano escolar. Nessa perspectiva, seria importante considerar a

formação continuada como possibilidade de encarar as incertezas e os erros do conhecimento.

A centralidade da ação docente está em saber lidar com a questão do conhecimento e, por esta razão, é fundamental refletir sobre as racionalizações, os mitos e as verdades postas como uma pré-condição para afirmar algumas certezas. Tendo consciência de que essa é uma tarefa das mais árduas Morin (2014, p. 59) menciona que "conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza".

Todo o conhecimento pressupõe sempre uma tentativa de nos aproximar do real mesmo que sabendo o quanto isso é um ato imperfeito. Isto porque "[...] o conhecimento não saberia refletir diretamente o real, só podendo traduzi-lo e reconstruí-lo em outra realidade" (MORIN, 2015, p. 58). Uma coisa é a dimensão da realidade e outra é a percepção que temos dela.

Morin, em diferentes obras, aborda a temática do conhecimento e analisa a questão da verdade e do erro e das incertezas, como uma das questões centrais que devem merecer a atenção dos professores. É uma lacuna na formação do professor e, como tal, necessita ser levada em conta com muita seriedade. Morin, em *O Método IV* (2011, p. 117) explica que conhecer o conhecimento supõe fazer uma análise global de tudo o que está implícito nele. É necessário conhecer não só os "[...] princípios e critérios fundamentais da verdade e do erro", mas é imprescindível fazer um estudo sobre as dimensões histórica, sociológica, biológica e antropológica do conhecimento.

Ao pensar numa formação continuada na perspectiva de enfrentamento das incertezas do conhecimento é preciso considerar sua complexidade, uma vez que parte da ideia de que não possuímos verdades absolutas, mas que as verdades são sempre transitórias e dinâmicas, construídas por homens e mulheres em determinados momentos históricos. Portanto, são falíveis. Pensar nessa perspectiva é acreditar que o educador nunca estará formado por completo e não pode ter a pretensão de ser o detentor de todos os saberes. Por esta razão sua postura é a de um eterno aprendente que se constitui na reflexão coletiva, nos questionamentos e nas dúvidas sobre o processo educativo.

Essa premissa permite pensar em alguns pontos que Morin aborda no livro *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2003). Destacamos a frase em que o autor afirma: "a maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento" (MORIN, 2003, p. 55). Para enfrentar as incertezas é fundamental que se constituam *cabeças benfeitas* no sentido dado por Morin: "uma cabeça bem feita significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; e, princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido" (2003, p. 21).

Prosseguindo nesse sentido, precisamos nos deparar com questões como o *erro e a ilusão*, uma vez que havendo consciência das incertezas dos conhecimentos estaremos mais aptos a enfrentá-las. É preciso, portanto, observação/reflexão/discussão para que isso não ocorra. Segundo Morin (2011, p. 19): "A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão".

Isto porque, "o maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais" (2011, p. 19).

É importante considerar que os sujeitos estão inseridos em um espaço-tempo que denominamos sociedade e que esta transmite cultura, valores e conhecimentos. Assim, somos produto e produtores de cultura e, consequentemente, produto e produtores de conhecimentos. Por esta razão, é importante compreender que "o ato de conhecimento, ao mesmo tempo biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico, faz com que o conhecimento não possa ser dissociado da vida humana e da relação social" (MORIN, 2015, p.26).

Por conseguinte, segundo o autor, "a humanidade do conhecimento aparece-nos não somente como a união indissolúvel da animalidade e da humanidade do conhecimento, mas também como a união indissolúvel da humanidade e da culturalidade do conhecimento" (MORIN, 2015,

p. 259). O ser humano é encharcado pela culturalidade do conhecimento na mesma medida em que é da sua animalidade. Desta forma, pode-se concluir que não há certezas totalmente absolutas.

Não existem evidências, no entanto, de que haja fundamentos seguros para os conhecimentos construídos/transmitidos pelos humanos, assim, "não há, evidentemente, para o conhecimento do conhecimento" (MORIN, 2015, p. 24). Assim como no conhecimento, no conhecimento do conhecimento encontramos incertezas. Encontramos verdades que são transitórias, que dizem respeito às possibilidades de conhecimento do humano em um espaço/tempo determinado, que pode ser superado ou reavaliado constantemente.

Morin ainda afirma que "ignorância, desconhecido, sombra, eis o que encontramos na ideia de conhecimento" (2015, p. 17). O que reafirma as incertezas do conhecimento, que devem ser enfrentadas, possivelmente de maneira dialógica, se auto-organizando. A educação escolar deveria avançar no sentido de conhecer o conhecimento e com isso buscar superar as fragmentações e as cegueiras do conhecimento que vêm se solidificando e agravando com as superespecializações.

Essa questão precisa ser pensada e repensada pelos professores, pois, os conhecimentos que professam exigem uma constante discussão, reflexão e ampliação. O olhar do educador e sua formação continuada e permanente são possibilidades de enfrentamento às incertezas do conhecimento, ao risco do erro e da ilusão.

O conhecimento do conhecimento se traduz na possibilidade de conceber/perceber/compreender o que adquirimos como conhecimento e seus limites. De acordo com Morin (2015, p. 245) "A descoberta dos limites do conhecimento é muito mais do que uma descoberta dos limites. Constitui uma aquisição capital para o conhecimento". Desta forma, "indica que o conhecimento dos limites do conhecimento faz parte das possibilidades do conhecimento e realiza essa possibilidade", considerando a capacidade humana de conhecer.

Podemos considerar que a questão da crise do trabalho docente pode estar ligada à falta de "certezas" dos conhecimentos que professam. A

tarefa docente é altamente complexa e isto precisa ser levado em conta nas formações continuadas nas escolas. É necessário pensar no sujeito professor e na constituição de sua identidade docente, alargando seus conceitos e propiciando reflexões teórico-práticas, possibilitando observações, ampliando inquietações, tencionando o que é confuso, ambíguo, incerto, inesperado, assumindo o risco do erro e da ilusão.

Em virtude disso, propõe-se a possibilidade de pensar a formação continuada enquanto espaço/tempo de reconhecimento das incertezas e das lacunas do conhecimento, tomando consciência das inúmeras possibilidades de erro e de ilusão.

O Coordenador Pedagógico e a Formação Continuada de Professores: Contribuições do Paradigma da Complexidade

Para pensarmos a formação continuada de professores amparados pelo paradigma da complexidade, vamos buscar apoio em um autor que baliza essas ideias e amplia a discussão: Francisco Imbernón, professor espanhol com diversos livros divulgados no Brasil, Doutor e mestre em Filosofia e Ciências da Educação e catedrático de Didática e Organização Educacional da Universidade de Barcelona, na Espanha.

Imbernón (2010, p. 101) no livro *Formação continuada de professores* afirma que "reconhecer a complexidade do pensamento e da prática docente significa aceitar que promover uma formação que facilita a reflexão e a intuição pode fazer com que os professores sejam melhores planejadores e gestores do ensino-aprendizagem e melhores agentes sociais [...]". Uma vez que o processo educativo é dinâmico e precisa ser pensado, planejado e gerido sempre pensando na escola enquanto um todo.

Assim, o autor assume a ideia de que, "a profissão docente sempre foi complexa por ser um fenômeno social" (IMBERNÓN, 2010, p. 100), que demanda articulações e vivências complexas.

Em consonância com isso, este mesmo autor (2010, p. 103-104) menciona que "ao nos situarmos no paradigma da complexidade, estamos propondo uma nova forma de pensar e repensar a educação". E que, além disso:

A formação deve propor um processo que capacite os professores

para aprenderem a aprender, mas também para aprenderem a desaprender com comunicação, autoanálise e regulação própria, mediante conhecimentos, habilidades e atitudes, a fim de desenvolver profissionais inquietos e inovadores; que aprendam com acertos e erros. Para conseguir isso, é fundamental o desenvolvimento de instrumentos intelectuais que facilitem as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente e cuja principal meta seja aprender a interpretar, compreender e refletir sobre o ensino e a realidade social de forma comunitária.

O autor, em relação à conjuntura atual, ainda sugere a possibilidade da criação de redes entre educadores, instituições educativas e formadores, evidenciando que "a criação de redes, o questionamento, a pesquisa e o desenvolvimento do pensamento crítico nos ajudarão a compreender a complexidade" (2010, p. 105).

Conforme Imbernón (2010, p. 105), "a rede de formação deve ser entendida como uma organização entre sujeitos que interagem de forma pessoal e profissional, compartilhando o que pensam, de forma autônoma, não burocrática, em que se compartilha a liderança e se valoriza a contribuição do outro".

Temos convicção que, no contexto atual da educação escolar, os formadores mais próximos dos professores são os Coordenadores Pedagógicos. E sobre o papel do formador, Imbernón (2010, p. 95) afirma que o mesmo "auxilia a refletir sobre situações práticas e a pensar sobre o que se faz durante tais situações, incluindo-se, nesse processo". Além disso, este autor evidencia que o formador "deve assumir cada vez mais um papel de colaborador prático e um modelo mais reflexivo, no qual será fundamental criar espaços de formação, inovação e pesquisa, a fim de ajudar a analisar os obstáculos, individuais e coletivos" (2010, p. 94).

Em seu livro *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza* (2011, p. 60), Imbernón afirma que "a formação inicial deve fornecer as bases para poder construir este conhecimento pedagógico especializado" que será ampliado com as formações continuadas de professores. Porém, o que se tem visto, são formações continuadas que tentam suprir as lacunas deixadas pela formação inicial, ao invés de oportunizar avanços e aprofundamentos em outras questões fundamentais.

Para referendar sua posição, Imbernón (2010, p. 94) termina por explicitar que "o formador, nas práticas de formação continuada, deve auxiliar a resolver esses obstáculos, para que os professores encontrem a solução de sua situação problemática". Complementa afirmando que "somente quando o professor consegue resolver sua situação problemática, produz-se uma mudança na prática educacional".

Mas é preciso que os momentos de formação se tornem constantes e sistemáticos e que se traduzam em um olhar reflexivo sobre o cotidiano escolar. Concordamos com a afirmação de Imbernón no livro *Formação permanente do professorado: novas tendências* (2009, p. 10) quando o mesmo enfatiza que "não podemos separar a formação do contexto de trabalho ou nos enganaremos no discurso", uma vez que somente dessa forma teremos transformações reais dos contextos educativos e das posturas dos educadores.

Consideramos o que Imbernón (2009, p. 16) sugere: "necessidade de estabelecer novos modelos relacionais e participativos na prática de formação. Isso nos conduz a analisar o que aprendemos e o que temos ainda para aprender". Essa é quem sabe a questão fundamental, o professor se reconhecer como ser aprendente e em contínuo processo de aprendizagem.

Em relação ao que foi mencionado até o momento, é que se faz necessário que se crie e se proporcione aos professores os espaços para a reflexão sobre o fazer cotidiano e apropriação de novos saberes para o desenvolvimento de ações nos espaços e ambientes de educação coletiva denominados de escola.

Considerações finais

Em consonância com as premissas analisadas ao longo do texto foi possível refletir sobre a função e a importância do Coordenador Pedagógico na formação continuada de professores. Para tanto buscamos apoio teórico nas contribuições de Edgar Morin no que se refere à necessidade de conhecer o conhecimento e nas ideias de Francisco Imbernón sobre a formação continuada e permanente do professor.

Chegamos à conclusão que cabe ao Coordenador Pedagógico instituir um programa de formação continuada com todos os professores da escola, organizando espaço/tempo de estudo e reflexão que levem em conta a complexidade dos conhecimentos veiculados e professados, tencionando as certezas e enfrentando as incertezas do conhecimento.

Um programa com tal finalidade só terá pleno êxito se os Coordenadores Pedagógicos, bem como todos os professores da escola, demonstrarem abertura para questionar suas próprias crenças e se colocarem como aprendentes buscando saber mais sobre o conhecimento do conhecimento.

Referências

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado:** novas tendências. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores.** Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza**.** Trad. Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Caminhos para melhorar a formação continuada de professores.** In: http://gestaoescolar.org.br/formacao/francisco-imbernon-fala-caminhos-melhorar-formacao-conti nuada-professores-636803.shtml. Acesso em 28 de setembro de 2024 às 10:32.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Bertrand Brasil; Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, Edgar. **O Método III**. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **O Método IV**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.